DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

ReDoC Revista Docência e Cibercultura

CONVERSAS SOBRE FEMINILIDADES NA PANDEMIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTISSEXISTAS A PARTIR DA SÉRIE "CONFISSÕES DE ADOLESCENTE"

CONVERSAS SOBRE FEMINILIDADES NA PANDEMIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTISSEXISTAS A PARTIR DA SÉRIE "CONFISSÕES DE ADOLESCENTE"

CONVERSAS SOBRE FEMINILIDADES NA PANDEMIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTISSEXISTAS A PARTIR DA SÉRIE "CONFISSÕES DE ADOLESCENTE"

Ivan Amaro[1]
Lyzia Toscano da Silva[2]
Vanessa Soares Matos[3]

Resumo

A pandemia lançou o mundo num cenário caótico e imprevisível provocando mudanças inimagináveis. A educação teve um impacto considerável, pois o isolamento social, uma das medidas necessárias para conter o novo corona vírus, vem se estendendo no país desde março de 2020. Neste contexto, as aulas presenciais foram suspensas e as redes buscaram alternativas para darem continuidade à formação em formato remoto. Este artigo traduz análises realizadas sobre as percepções das diversas feminilidades na escola, a partir de um trabalho pedagógico interdisciplinar desenvolvido por duas professoras, uma de Língua Portuguesa e outra de Ciências, em turmas do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública do Município do Rio de Janeiro, no período da pandemia. O objetivo é investigar as construções sociodiscursivas de alunos e alunas sobre os significados de "ser mulher" hoje. Adotando a conversa como procedimento metodológico de uma pesquisa qualitativa, tivemos, como mote, a série "Confissões de Adolescente" (1994), obra que foi a disparadora de debates, via Whatsapp, o que nos levou à netnografia, como metodologia secundária. O objetivo era acessar os discursos de

Submetido em: 27/09/2021 – **Aceito em**: 02/07/2022 – **Publicado em**: 28/04/2022

[1] Professor Associado da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ). Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Diferenças, Gênero, Educação e Sexualidades/UERJ (NuDES). E-mail: ivanamaro.uerj@gmail.com.

[2] Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia (Unifacvest). Graduada em Biologia (Universidade Gama Filho). Professora da SME-RJ e da SEEDUC-RJ. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa Diferenças, Gênero, Educação e Sexualidades / UERJ (NuDES). E-mail: lyziarj@gmail.com.

[3] Mestre em Estudos Literários (UFF). Pós-Graduada em Letras (UCB). Graduada em Letras (UFRJ) e em Pedagogia (Unifacvest). Professora da SME-RJ e da SEEDUC-RJ. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa Diferenças, Gênero, Educação e Sexualidades / UERJ (NuDES). E-mail: vanessas2matos@gmail.com.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

Revista Docência e Cibercultura

alunos e alunas no sentido de indagar a noção essencializada do “ser mulher”, questioná-la e (re) significar as noções de feminilidades e, mesmo, de masculinidades, entendendo que gênero é um conceito relacional. Os achados inscrevem-se, também, na visibilidade de práticas pedagógicas insurgentes no cotidiano escolar, indicando que adolescentes (re)significam experiências e repensam os processos de constituição de subjetividades que constroem masculinidades e feminilidades, contribuindo, assim, para uma formação antissexista e antimachista.

Palavras-chave: Pandemia. Gênero. Feminilidades. Conversas Online.

Abstract

The pandemic has thrown the world into a chaotic and unpredictable scenario causing unimaginable changes. Education has had a considerable impact, as social isolation, one of the necessary measures to contain the new corona virus, has been extending in the country since March 2020. In this context, the face-to-face classes were suspended and the networks sought alternatives to continue the training in a remote format. This article translates analyses on the perceptions of the various femininities in school, from an interdisciplinary pedagogical work developed by two teachers, one of Portuguese language and the other of Sciences, in classes of the 8th year of elementary school of a public school in the municipality of Rio de Janeiro, in the period of the pandemic. The objective is to investigate the sociodiscursive constructions of students and students on the meanings of "being a woman" today. Adopting the conversation as a methodological procedure of a qualitative research, we had, as the motto, the series "Confessions of Adolescent" (1994), a work that was the trigger of debates, via Whatsapp, which led us to netnography, as a secondary methodology. The objective was to access the discourses of students in order to ask the essentialized notion of "being a woman", question it and (re) signify the notions of femininities and even masculinities, understanding that gender is a relational concept. The findings are also inscribed in the visibility of insurgent pedagogical practices in school daily life, indicating that adolescents (re)signify experiences and rethink the processes of constitution of subjectivities that build masculinities and femininities, thus contributing to an antisexist and anti-sexist formation.

Keywords: Pandemic. Gender. Femininities. Online Conversations.

Resumen

La pandemia ha arrojado al mundo a un escenario caótico e impredecible provocando cambios inimaginables. La educación ha tenido un impacto considerable, ya que el aislamiento social, una de las medidas necesarias para contener el nuevo coronavirus, se ha extendido en el país desde marzo de 2020. En este contexto, se suspendieron las clases presenciales y las redes buscaron alternativas para continuar la capacitación en formato remoto. Este artículo traduce análisis sobre las percepciones de las diversas feminidades en la escuela, a partir de un trabajo pedagógico interdisciplinario desarrollado por dos profesores, uno de lengua portuguesa y otro de Ciencias, en clases

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

del 8º año de escuela primaria de una escuela pública en el municipio de Río de Janeiro, en el período de la pandemia. El objetivo es investigar las construcciones sociodiscursivas de estudiantes y estudiantes sobre los significados de "ser mujer" en la actualidad. Adoptando la conversación como procedimiento metodológico de una investigación cualitativa, tuvimos, como lema, la serie "Confesiones de adolescentes" (1994), un trabajo que fue el detonante de debates, vía Whatsapp, que nos llevó a la netnografía, como metodología secundaria. El objetivo fue acceder a los discursos de los estudiantes para preguntar la noción esencializada de "ser mujer", cuestionarla y (re) significar las nociones de feminidades e incluso masculinidades, entendiendo que el género es un concepto relacional. Los hallazgos están inscritos, también, en la visibilización de las prácticas pedagógicas insurgentes en la vida cotidiana escolar, indicando que los adolescentes (re)significan experiencias y replantean los procesos de constitución de subjetividades que construyen masculinidades y feminidades, contribuyendo así a una formación antisexista.

Palabras Clave: Pandemia. Género. Feminidades. Conversaciones en línea.

“Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”[4]: reflexões iniciais

A pandemia da Covid-19, até outubro de 2021, já matou mais de 600.000 brasileiros[5]... São vidas ceifadas, perdidas, choradas, dignas de luto. Vem, então, uma indagação de Butler (2015) que compartilhamos: afinal,“que vidas importam?”. São tempos difíceis e complexos! Estamos imersos em momentos de grande tristeza, de dor, de perdas e de certa desesperança diante de um projeto genocida instaurado na direção do país... No entanto, como diz Fernando Pessoa (2007), “'Navegar é preciso, viver não é preciso'”. Logo, também queremos o espírito dessa frase e não paramos nesse verso: se "Viver não é necessário; o que é necessário é criar." (PESSOA, 2007, p.15). E navegando na incerteza é que criamos e fazemos acontecer o sentido de “esperançar”, na insurgência de resistências e lutas pela vida, caso o governo brasileiro tivesse planejado e organizado, antecipadamente, um processo amplo da vacinação de brasileiras, brasileiros.

[4] Verso da música *Maria da Vila Matilde* de Elza Soares, disponível em: https://www.letras.mus.br/elza-soares/maria-da-vila-matilde/.

[5] https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/08/brasil-registra-628-mortes-por-covid-em-24-horas-no-dia-em-que-supera-marca-de-600-mil-vitimas.ghtml

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

ReDoC Revista Docência e Cibercultura

Há quase dois anos, a pandemia nos colocou em forte contexto de tensão. Por outro lado, tem nos imposto à reflexão e à ação em outros modos, distanciados de uma lógica de "normalidade". Não se trata de um "novo normal", como apregoam alguns, mas de uma nova "anormalidade" que rompe com padrões, que nos desaloja, nos desacomoda, nos move em direção a outros modos de existir e reexistir.

Para além desta pandemia, outras estão presentes em nossos cotidianos há um bom tempo e temos lutado incessantemente para eliminá-las de nosso dia-a-dia, tais como: o machismo, a homofobia, a transfobia, a violência contra a mulher, o racismo, a fome... O confinamento, aliado ao uso de máscaras e higienização das mãos com álcool em gel, como um dos procedimentos mais efetivos para barrar a disseminação da doença, paradoxalmente, colocou as mulheres numa situação de maior vulnerabilidade, tendo em vista que tiveram que passar mais tempo ao lado de seus potenciais agressores no ambiente doméstico: seus parceiros afetivos. De acordo com a ONU Mulheres de 2020, o confinamento acabou por gerar o que denominou como "Pandemia das Sombras"[6]. Ou seja, a violência doméstica se intensificou: mais de 243 milhões de mulheres e meninas (de 15 a 49 anos) em todo o mundo foram submetidas à violência sexual ou física por um parceiro íntimo; no entanto, com a dificuldade de comunicação das mulheres com amigos, familiares e com os órgãos de denúncia, os registros sofreram redução considerável.

As severas mudanças advindas da pandemia da Covid-19 não foram diferentes no universo escolar. Os profissionais da educação tiveram de se reinventar para lidar com o isolamento social, exigido como uma das medidas de contenção. Com a suspensão das aulas presenciais, o ensino remoto tornou-se alternativa. No entanto, as inseguranças, a fragilidade da formação docente, a falta de um planejamento que proporcionasse uma estrutura mínima para alunos, alunas, professores e professoras foram elementos fulcrais para manter o mínimo de formação em tempos de pandemia.

[6] http://www.onumulheres.org.br/noticias/violencia-contra-as-mulheres-e-meninas-e-pandemia-invisivel-afirma-diretora-executiva-da-onu-mulheres/

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

E, assim, um questionamento paradoxal, surgido repentinamente, tornou-se imperioso para nós: como nos aproximarmos de nossos alunos em modalidade a distância?

Portanto, este trabalho focaliza uma análise qualitativa sobre nossa proposta interdisciplinar de intervenção pedagógica, no 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola vocacionada para o esporte, na periferia da cidade do Rio de Janeiro, uma vez que somos professoras[7] do Ensino Fundamental da SME/RJ. A motivação para essa intervenção surge a partir de discussões no Núcleo de Estudos e Pesquisas Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NuDES/UERJ)[8], em que participamos ativamente desde 2019, e inicia-se após cinco meses de ensino remoto em 2020, quando os alunos não davam mais retorno de nossas atividades enviadas por *Whatsapp*. Esse foi o canal exitoso no contato com os alunos, já que pacotes das operadoras de telefonia oferecia uso ilimitado para essa rede social.

Embora a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ) tivesse adotado a Plataforma Microsoft Teams, os alunos, em sua maioria, não a acessavam. Muitos justificavam não ter recursos financeiros, já que isso gerava alto consumo de dados de Internet. E esse acesso não era gratuito. Assim, por meio do *Whatsapp*, a escola enviava as atividades e fornecia o mínimo de contato com os conteúdos escolares. No entanto, percebemos ser necessária uma ação mais dinâmica, para além das apostilas semanais da SME/RJ e dos nossos materiais.

Antes da pandemia, já percebíamos que o celular (uma tecnologia digital) contribuía em nossas aulas como um dispositivo de criação e de inovação nas atividades pedagógicas, incorporando dinâmicas comunicacionais interativas. (FERNANDES; DINIZ; BARROS, 2016). Entretanto, muitas vezes, o uso do celular enfrentava contumaz resistência da comunidade escolar. No ano de 2020, ele não mais incorpora, mas se torna instrumento essencial de aproximação entre alunas/os e professoras/es. O aplicativo *Whatsapp* se torna a "sala de aula possível" e se constrói pelas mencionadas lógicas e linguagens, atendendo às habilidades, aos objetos curriculares e às demandas cotidianas, em virtude do isolamento social.

[7] Refere-se às duas autoras deste artigo.
[8] Coordenado pelo Prof. Dr. Ivan Amaro (FEBF/UERJ).

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

E, nós, docentes, em relação ao *Whatsapp*, deixamos de ser "consumidores para (adotar) uma perspectiva de produtores de conteúdos, de conhecimentos." (AMARO, 2016, p.16), mas com o desafio de co-construí-los num contexto novo, pois o ambiente escolar deixa as amarras do espaço-físico e torna-se completamente virtual para todas as questões. E como tornar esse contato, à distância, mais interessante?

Além do isolamento social, enfrentávamos outro problema. Na escola, às vezes, as dinâmicas diárias da prática de esportes geravam certo desprendimento das alunas com os padrões essencializados da noção de feminino. Esse comportamento dissidente do padrão universalizado do "ser mulher" apresentava-se como incômodo para alguns meninos, talvez por não saberem lidar com modos de estar no mundo diferentes dos modelos de feminilidade que traziam de suas vivências.

Antes da pandemia, ouvíamos discursos machistas em relação ao universo feminino, principalmente, tendo, como alvo, meninas que não perfumavam o gênero com marcas estereotipadas, tais como o uso de brincos, maquiagem, formas delicadas de agir, dentre outras. Acreditávamos que essas visões padronizadas e machistas, ao inferiorizarem quem fosse diferente, sustentavam e encorajavam atos de violência verbal e psicológica no espaço escolar. Importante salientar que a escola, historicamente, delimita espaços e se utiliza de diversos códigos e símbolos para produzir as subjetividades de meninos e meninas, quase sempre padronizados. Apesar de todo o contexto de imposição, há resistências, conforme alertado por Louro (1997):

> Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e in*corpo*rado por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*. [...] E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens – reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente. (LOURO, 1997, p. 61)

Acreditamos que projetos como este corroboram para que os alunos entendam que respeitar alguém, como, por exemplo, uma colega de classe, significa conviver com esse outro percebendo suas diferenças.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

Revista Docência e Cibercultura

Com esse fim, em uma perspectiva interdisciplinar, entrelaçando "Habilidades" e "Objetos de conhecimento" de Ciências e de Língua Portuguesa do *Currículo Carioca*[9]– o qual se baseia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) –, o projeto questiona as noções de feminilidade explicitadas nos discursos dos adolescentes, tendo, como mote, partes da série *Confissões de Adolescente* (1994), dirigido por Daniel Filho.

A conversa é nossa escolha metodológica. Como Sampaio, Ribeiro e Souza (2018, p. 25) compreendemos que "conversar é parte da vida cotidiana de todos/as nós". O objetivo é investigar as construções sociodiscursivas dos alunos sobre o que significa, hoje, ser mulher, a partir da comparação de duas personagens: Natália e Carol. Para isso, partimos da reflexão de que "gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser" (BUTLER, 2019, p. 69).

Ambas passam, pela primeira vez, por experiências relativas à puberdade, o que acarreta mudanças significativas em suas vidas, e sofrem pressão social por não seguirem o que se entendia socialmente como "natural", trilhando caminhos outros. No episódio "*O primeiro beijo*", Natália confessa que, aos 15 anos, nunca havia beijado um rapaz e que, por isso, sofria pressão. No episódio "*Uma mulher moderna*", Carol confessa que não suporta as pressões sociais para ser mais "feminina", principalmente depois da primeira menstruação, o que demarca, no discurso padrão, o "tornar-se mulher". E, embora sejam irmãs e compartilhem de estruturas sociais similares, reagem de maneiras diferentes frente às primeiras experiências no mundo adolescente.

Percebe-se, portanto, que a noção de gênero de Butler (2019) está associada às relações de poder/controle, sendo aquela uma espécie de produto ou de efeito destas, as quais arquitetam uma falsa sensação de normalidade para o que ela chama de "matriz heterossexual", mantida por discursos hegemônicos padrões e cisheteronormativos. Essa matriz cria uma noção de coerência para formas binárias do pensamento ocidental:

[9] *Currículo Carioca* é o currículo de 2020 da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro que contempla as novas diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), disponível em http://www.rio.rj.gov.br/web/rioeduca/exibeconteudo/?id=10885079&fbclid=IwAR2S1JgF3NtJjuY_P64PimJHh3XLDPbWzEyEDGcSYwvisi_ELbJ_1OvlESs.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

macho x fêmea; homem x mulher. Assim, no meio social, reconhece-se comportamentos típicos, como escolhas de homem e de mulher, como se surgissem naturalmente em virtude do sexo biológico. Dessa forma, essas escolhas, esses comportamentos e, por que não dizer, essas pessoas que fogem ao padrão podem ser rejeitadas. Como pensar em escola inclusiva se os nortes que orientam a inclusão estão distorcidos?

Na tentativa de intervir em noções concebidas como naturais e cristalizadas, focamos não só as identidades construídas, mas também os processos de construção dessas identidades, a fim de questionar as relações de poder ali imbricadas e talvez motivar ressignificações de sentidos. E como questionar o poder? Este trabalho enfrenta esse desafio indagando, pois o próprio ato de elaborar uma pergunta para aquilo que existe como normal já é uma forma de desestabilizar o poder que sustenta o objeto no lugar-sentido onde ele se encontra.

Entendemos que o conhecimento se faz no ato de perguntar e não no ato de responder, de fornecer respostas prontas, acabadas, certas, absolutas. *A pedagogia da pergunta* , conforme nos ensinam Freire **e** Faundez (1985), envolve risco entre falar, agir e refletir, articulando-se com *a pedagogia da liberdade ou da criação*. É preciso "ousar-se ao risco, deve provocar-se o risco, como única forma de avançar no conhecimento, de aprender e ensinar verdadeiramente" (FREIRE & FAUNDEZ, 1985, P. 27). Assim, entendemos que nas práticas pedagógicas cotidianas, as "verdades" sobre gênero e sexualidades podem e devem ser provocadas, abaladas, desestabilizadas, tendo, como horizonte, várias finalidades, tais como questionar visões preconceituosas para que essas não motivem diversos tipos de violência no ambiente escolar.

Para acontecer a conversa, criamos um grupo no *Whatsapp* somente para o projeto, a fim de que pudéssemos estimular nossas/os alunas/os a compartilharem suas vivências, opiniões, confrontando visões diferentes e formas outras de ver e perceber as identidades que nos constituem. Buscou-se criar um espaço de acolhimento, de afetividade, de diálogo que ressignificaria, também, a relação professoras-alunas/os, principalmente num momento de tensões, medos, confusões provocadas pela pandemia.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

Este trabalho foi pensado, então, com três objetivos mais específicos: 1) tensionar, por meio de estímulos das narrativas literárias da série *Confissões de Adolescentes*, possíveis protótipos femininos, surgidos em debate, numa perspectiva dialética, criando um espaço de reflexão; 2) afetar e estimular os alunos, para eles voltassem a participar das atividades remotas; 3) tentar desenvolver as habilidades (dos bimestres os quais se iniciariam) do *Currículo Carioca* da SME e da BNCC.

A escolha da série, dirigida por Daniel Filho, ocorre por várias razões. A palavra "confissões", no título de um trabalho escolar, cujo foco é a sexualidade humana, tinha o intuito de incomodar, de provocar o engajamento discursivo no corpo discente, pois ela poderia remeter à moral cristã, se esta norteasse o imaginário social dos alunos. Segundo Focault (2017), a moral aludida restringia, ao longo dos séculos, os discursos de ordem sexual a alguns contextos e um deles era o momento de confissão, pois a "pastoral cristã, fazendo do sexo aquilo que, por excelência, devia ser confessado" (FOUCAULT, p. 39, 2017), como um pecado expurgado, delegava às questões de sexualidade essas mesmas restrições, para não profanar as "regras de decência". Assim, com o título da série, teríamos uma chave-chave para investigar se a moral cristã influenciaria nossa abordagem. Uma vez presente, notaríamos o modo de eles lidarem com a questão, sabendo que a interação é também com os professores deles: essa moral os bloquearia, a ponto de usarem emoticons para expressar uma "fala em voz tão baixa e muitas vezes disfarçada" (FOUCAULT, p. 39, 2017)? Ela seria indiferente? Ficariam motivados em lidar com um assunto considerado proibido?

Além disso, o vocábulo "confissões", no nome do grupo de *Whatsapp*, poderia sugerir um lugar seguro de contar segredos, de expor aquilo que as normas culturais face a face não nos permitiria, contando com a noção opcional do anonimato da interação online, um dos fatores fundamentais que podem promover uma "sensação de liberdade" que, segundo Kozinets (2014), confere, aos atores online, um novo senso de flexibilidade de identidade. "No mundo do texto e das imagens controladas, a autorepresentação tem graus de liberdade muito mais amplos, e a vida social online oferece muito mais oportunidades para experimentação de identidade." (KOZINETS, p. 70, 2014). Se os grupos menores são "os mais íntimos" e acabam, como afirma

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

Kozinets (2014), "hibridizando e transcendendo os marcadores de limites tradicionais de 'comunidade' - geográfica, política, gênero, genealogia, etnicidade, ocupação, religião.", teríamos, nesse ambiente, com o mencionado título, um terreno fértil para nossa pesquisa.

Embora tivéssemos o filme (2014) de mesmo título e também dirigido por Daniel Filho, preferimos testar a série por várias razões: as primeiras centram-se em tentativas de aproximar realidades literárias aos contextos vividos pelos os alunos, a fim de gerar identificação. A personagem Natália vive uma relação a distância com Marcelinho, interação mediada pela tecnologia, ou seja, pelo telefone, e suspeitávamos que, no meio de uma pandemia, essa seria uma estratégia usada pelos estudantes para darem início ou continuidade a suas vidas amorosas. Além disso, a protagonista do segundo episódio, Carol, tem sua identidade marcada pelo mundo do futebol, o que víamos, com frequência, em uma escola vocacionada para o esporte.

Vale ressaltar que fizemos um vídeo de chamada, para o divulgar o projeto e postamos no grupo de *Whatsapp* oficial da escola, a fim de investigar o público alvo e testar nossas expectativas. Assim, nesse vídeo, exibimos partes da série e do filme, para perceber os assuntos que mais chamavam atenção dos alunos e o elenco com o qual eles mais tinham familiaridade. Depois que criamos o grupo de *Whatsapp* do projeto, em uma conversa inicial, cujo intuito aludido era "matar a saudade", percebemos que as atrizes e os atores do filme não eram tão conhecidos, por eles, quanto os da série. Ouvimos falas espontâneas como: "Gente, Débora Secco novinha! Que maneiro!". E instaurou-se um jogo não programado, entre eles, de tentar lembrar de papeis realizados pelas outras atrizes e atores da série em programas televisivos. Além disso, os comentários mais complexos sobre o vídeo-chamada se reportavam para a série, embora tivéssemos percebido o encanto gerado pela música de abertura do filme. Portanto, apostamos na ideia de que ver atrizes famosas adolescentes, representando personagens que vivem realidades próximas às dos estudantes, poderia despertar afetividade, entusiasmo, surpresa, o que se verificou. Muitos alunos ficaram surpresos ao ver a atriz Débora Secco aos 14 anos e a comediante Daniele Valente aos 16 anos.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

Por fim, escolhemos a série também por conta dos embates linguísticos argumentativos das personagens, aparentemente monológicos, com a câmera, gerando uma quebra no fluxo narrativo, o que, por espelhamento, poderia desenvolver a capacidade dos alunos de realizar autorreflexão. As protagonistas, na obra, param de vivenciar o automatismo de suas vidas cotidianas e entram em debate com a câmera, opondo-se a diversas imposições sócio-culturais e históricas, como se as normas impostas a elas se personificassem e entrassem em discussão com a personagem, tendo "atitude responsiva ativa" (BAKHTIM, p. 291, 1997), na voz da personagem, já que a "reação dialógica personifica toda enunciação à qual ela reage" (BAKHTIM, p. 226, 2010). Essas ideias personificadas se assemelhassem às "ideias-protótipos" de Dostoiévski, quando este quebra "a forma monológica fechada" (BAKHTIM, p.102, 2010).

Uma vez concebendo a linguagem como prática social, na qual o indivíduo se constitui como sujeito, interagindo com outro, veiculando diferentes concepções de mundo, alterando-se pelas circunstâncias contextuais da enunciação, pelos propósitos comunicativos, o texto torna-se um palco de conflitos ideológicos, muito bem retratados por esses momentos da série citados, os quais consideramos dialógicos. Dialógicos, porque há conflitos de visões de mundo e nenhum discurso é neutro (BAKHTIN, 1995), pois carrega uma carga de valores culturais que se expressam nas divergências de opiniões: as personagens expõem suas concepções, negociam com as normas culturais, rasuram identidades, modificando-se, rasurando o outro e sendo rasurada por este. É como se a literatura propusesse, didaticamente, estratégias dialógicas antes mesmo de os alunos se colocarem em debate.

“Que um homem não te define, sua casa não te define, sua carne não te define. Você é seu próprio lar”: adolescentes (re) significam as noções de feminilidades

É inegável que o universo da cibercultura se ampliou consideravelmente no período da pandemia. E nesse sentido, a opção metodológica de nossa pesquisa pela conversa online foi quase imperiosa. Consideramos que a dinamicidade comunicacional que a internet promove se coloca com uma importante aliada na produção do conhecimento (COUTO JUNIOR, AMARO, TEIXEIRA, RUANI, 2020). As conversas

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

online acontecem a todo momento e promovem afetos, proximidades, porque, conforme afirmam Santaella e Lemos (2010, p. 25-26) "é bom estar junto, ainda mais quando o compartilhamento, a reciprocidade e cumplicidade não têm outro destino ou finalidade a não ser o puro, singelo e radical prazer de estar junto".

Os cotidianos, em tempos de pandemia, se tornam ainda mais complexos e são entremeados por relações também mais complexas. Os aparatos tecnológicos conectados se tornaram alternativas para atravessarmos este momento de modo menos traumático. Embora estejamos distantes fisicamente, nos conectamos e usufruímos coletivamente da interatividade que as redes sociais online nos proporcionam (COUTO JUNIOR, AMARO, TEIXEIRA, RUANI, 2020). Assim, para o desenvolvimento de nosso trabalho, o uso do *Whatsapp* foi essencial como aplicativo de fácil acesso e uso por parte dos estudantes.

Se nosso objetivo era promover uma interação sincrônica, mediada por tecnologia e atenta às condições contextuais, com a participação ativa dos pesquisadores, imersos na realidades dos jovens, como integrantes do grupo e, depois, analisar a experiência cultural e a comunidade online criadas, essa situação nos leva à netnografia, como método secundário de pesquisa que implica:

> "envolvimento, engajamento, contato, interação, comunhão, relação, colaboração e conexão com os membros da comunidade - não com um website da rede, servidor ou teclado, mas com pessoas em outro extremo." (KOZINETS, p. 93, 2014).

O netnógrafo, pertencendo a um mesmo copo de práticas sociais, tem papel participativo para, não só experimentar uma compreensão cultural com mais profundidade, na coleta de dados, mas para também, como membro da comunidade que investiga, ter a chance de "validar", "discutir" e "expandir" sua interpretação sobre o que coletou (Kozinets, 2014). Fazendo parte do grupo, pode constituir representações linguageiras mais próximas das experiências vividas na comunidade.

No entanto, vale ressaltar que este estudo não se trata de uma pesquisa de comunidade online, mas sim uma pesquisa online em uma comunidade. (Kozinets, 2014). Ou seja, este trabalho não se propõe estudar a identidade online de determinado website de rede social, mas sim realizar uma análise qualitativa de um fenômeno social específico: perceber e questionar a(s) forma(s) que os alunos constroem, na interação, a

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

noção de feminilidade, construções essas que podem projetar consequências que se expandem para além da cultura expressa online e interferem diretamente no espaço escolar, embora, a escola, neste momento pandêmico, estivesse se constituindo pelas interações virtuais, só que com abordagens informativas.

No intuito provocar a conversa no *Whatsapp*, fizemos um recorte da série, a fim de destacar duas personagens que consideramos estar muito próximas do universo adolescente feminino da escola em que atuamos: as protagonistas Natália e Carol passam, pela primeira vez, por experiências relativas à puberdade, sofrendo não só transformações físicas e hormonais significativas, como também pressões de ordem psicológica e social, por não seguirem o que se entendia como "natural". Natália vivencia o despertar da sexualidade, sem se importar com uma data limite para experimentar o primeiro beijo e Carol passa pela experiência da primeira menstruação, sem sucumbir aos ritos locais.

Baseados em alguns "Objetos de conhecimento" e "Habilidades" de Ciências e de Língua Portuguesa do 8º ano do *Currículo Carioca*, os debates tinham, como tema, a noção de sexualidade presente nesse currículo, a que compreende as "múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética)", sem esquecer "da necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos" (SME/RJ, 2020, p. 43).

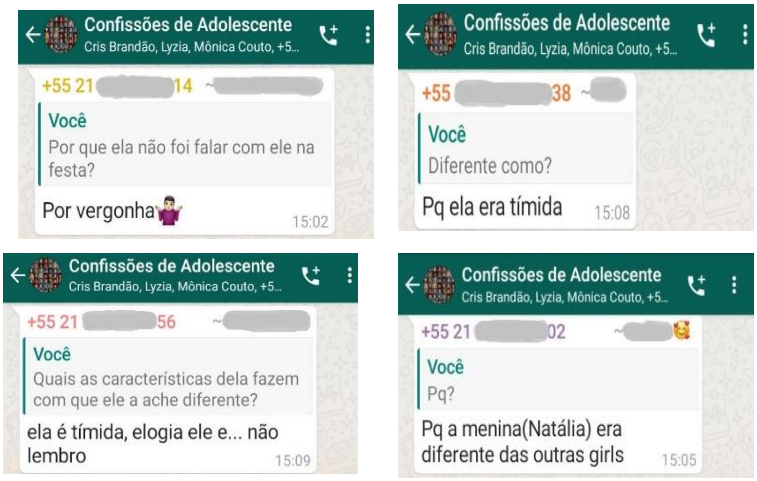
Ao tratar de supostos temas-tabus da puberdade/adolescência, a escolha da série baseia-se na aposta de que os episódios poderiam estimular o engajamento discursivo dos alunos, que, por espelhamento, falariam de si, de suas vivências/opiniões, (re)significando experiências e (re)pensando o processo de subjetivação. Se, quando nascemos, já encontramos um mundo organizado discursivamente, de modo que nos tornamos produtos dessas construções, podemos pensar que somos construções discursivas (FOUCAULT, 1988); porém, também podemos ser convocados e convocar, pela problematização, a romper com padrões discursivos e a nos constituir de outras maneiras, pensando e exercitando outras formas de ser e estar no mundo.

O episódio "O primeiro beijo" foi disponibilizado para que assistissem e, posteriormente, seguiríamos com a discussão. Apresentamos a imagem printada de

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

Natália no *Whatsapp* e perguntamos quem era ela. Os alunos construíram discursivamente a personagem com as falas de Marcelinho, o menino por quem, nesse episódio,elase apaixona visualmente em uma festa, mas não se permite ser apresentada a ele: *"tímida", "envergonhada", "diferente das outras garotas*". Depois disso, segundo os estudantes, Natália fica "stalkeando" o garoto, ou seja, descobre tudo sobre ele, liga para o menino sempre às 12h, sem revelar sua real identidade. Cria e mantém essa relação misteriosa, por telefone, durante dois meses. Na tentativa de provocar o debate para que construíssem uma justificativa própria sobre o porquê de eles a considerarem "diferente das outras garotas", percebemos que a construção discursiva repetia a visão do Marcelinho sobre a Natália.

Figura 1: Prints da Conversa "O primeiro beijo"



Nas primeiras cenas de "O primeiro beijo", apareceram quatro personagens: Natália e sua amiga Ingrid, em um quarto, e Marcelinho e seu amigo Caco, em uma praça. Todos conversavam sobre esse relacionamento misterioso e a distância. Todos deram suas opiniões sobre Natália, inclusive ela mesma diz o porquê de não se mostrar para o menino: medo de ele considerá-la "feia".

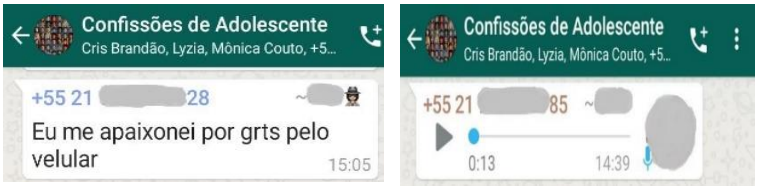
No entanto, os estudantes elegeram a fala de Marcelinho para retratar a personagem. Ou seja, os alunos não construíram Natália de maneira autoral, nem defenderam suas visões com argumentos próprios, como previa uma das habilidades de Língua Portuguesa do bimestre, apenas reproduziram o discurso masculino sobre ela.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

ReDoC Revista Docência e Cibercultura

Algumas alunas, a princípio, não se incomodaram com o modo platônico de Natália se apaixonar por Marcelinho. Pelo contrário, elas se identificaram com a escolha da personagem. Na figura 2, retratamos uma das mensagens e um print do áudio enviado por outra aluna que transcrevemos ao lado.

Figura 2: Prints da Conversa



"A Natália é psicopata que nem eu. Fica procurando tudo da vida do garoto. Telefone, endereço (Risos)"

Essas falas apontam para a pertinência temática do trabalho: os temas abordados na série foram significativos, uma vez que se aproximaram da realidade dos estudantes e as escolhas da personagem geraram identificação por parte de algumas delas, principalmente, por parte das meninas.

No entanto, outras negam a aproximação com a construção subjetiva de Natália, como a aluna a seguir que contra-argumenta a colega que a considera parecida com a personagem. A contra-argumentação é ratificada por uma figurinha de contestação.

Figura 3: Prints da Contra-Argumentação

Se também é possível construir nossa identidade por um processo de alteridade, no qual encontramos, na voz do outro, o que somos e como somos, também é por meio da negação desse processo que delineamos quem somos, como ocorre com a aluna acima, rejeitando a caracterização de sua colega relativa a sua identidade. Essa situação nos leva a Bauman (2004, p.19) que afirma que "nessa negociação subjetiva, há uma luta, pois as identidades flutuam no ar, mas é possível defender as que são de nossas escolhas em detrimento das infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta". Importante assinalar também que a construção desse "outro", segundo Skliar (2003),

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

"não supõe a presença de uma essência natural ou material de alteridade, senão seu caráter discursivo". Ou seja, o outro não se constitui naturalmente, mas na linguagem.

E essa luta discursiva também ocorre com a personagem Natália na própria narrativa, o que se percebe quando ela confessa, encarando a câmera, que detesta quando as pessoas ficam interferindo em sua vida, pressionando-a a dar o primeiro beijo, insistindo em um padrão de normalidade que ela rejeita.

Entretanto, análises como essa, sobre Natália, até então, não tinham surgido no debate. Assim, problematizamos a construção da "outra" feita discursivamente por Marcelinho. No processo de formação, entendemos que as opiniões dos alunos poderiam se aprofundar, já que adotamos a visão sociointeracionista da linguagem, percebendo as construções de sentido e as visões de mundo como flutuantes e negociáveis no ato comunicativo. Dessa forma, o indivíduo se comunica através de textos e o sentido dessas produções não antecede ao ato comunicativo, pois "o sentido de um texto é construído na interação textos-sujeitos e não algo que preexista a essa interação" (INGEDORE, 2006, p.11). Logo, os sentidos podem se modificar a cada momento em que nos colocamos em perspectiva dialógica da "enunciação" (BAKHTIM, p. 229, 2010).

Para Orlandi (2013, p. 42), "o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas". Logo, problematizamos as visões de gênero que são, em alguma medida, tomadas como naturais. Nesse sentido, Butler (2019) argumenta que "ser mulher" não se relaciona a uma identidade feminina anterior à expressão de atos que podem ser interpretados como femininos, mas esses atos performam na interação. Assim, "o próprio gênero se torna um artifício flutuante" (BUTLER, 2019, p. 26) que se ressignifica na prática social. E o sujeito, por meio de "formações imaginárias" (ORLANDI, 2013, p.40), se constrói e é construído no encontro com o outro:

> Diferentemente das concepções anteriores, na concepção **interacional (dialógica) da língua**, os sujeitos são vistos como **atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto,** considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. (KOCH & ELIAS, 2008, p.10 - 11 – grifos nossos.)

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

A fim de compreender melhor como os estudantes abordavam Marcelinho, autor do discurso, reproduzido pelos alunos sobre Natália, naquela interação, indagamos sobre o comportamento de Marcelinho, quem foi construído discursivamente como *"galinha"* ou *"aquele que se apaixona por telefone"*. Perguntamos por que ele age diferente com Natália e se apaixona por ela. Mais uma vez obtivemos respostas tendo, como norte, o ponto de vista masculino: *"Porque a menina (Natália) era diferente das outras garotas"* ou *"Não é como outras meninas que ficam uma ou duas vezes e tchau"*.

Assim, suspeitamos que o despertar da paixão para Marcelinho, na visão dos estudantes, e a mudança comportamental dele seguem uma lógica centrada no controle dos impulsos femininos. Natália se apaixona por ele, mas só é amada e tratada de forma diferente das outras, porque ela se comportou da maneira esperada, conforme ditado pela lógica padrão, resistindo aos galanteios masculinos, ou, como se fala no jargão popular: "Ela se dá o respeito".

Perguntamos, então, se ela se comportasse numa lógica oposta o que poderia acontecer. Alguns responderam que ela seria como as outras, ou seja, tratada como mais uma, sem importância na vida dele. Pode-se inferir que o início de um relacionamento mais duradouro, com vínculo afetivo mais compromissado, na adolescência, está centrado no autocontrole feminino em relação aos seus impulsos, pela perspectiva masculina hegemônica.

Nessa configuração narrativa, só há duas possibilidades de feminino no contexto amoroso: as *"que ficam uma ou duas vezes e tchau"* ou as *"tímidas"*, estando estas num eixo semântico de positividade por reprimir seus desejos, conforme narrativa masculina padrão imposta. E os alunos não se incomodaram com isso, a princípio. Reproduziram essa lógica como algo "natural".

Os alunos perceberam duas influências sociais, no episódio, vinda dos amigos Ingrid e Caco. Ingrid é construída, pelos estudantes, apenas como amiga de Natália. Nós queríamos notar se os alunos perceberiam, no discurso de Ingrid, não só uma legitimação para a repressão do desejo feminino, como também um incentivo à manutenção desse jogo amoroso da caça que pouco se mostra e foge do predador enlouquecido. Ingrid diz à amiga que ela tem que ser *"difícil"*, ou seja, incentivando o

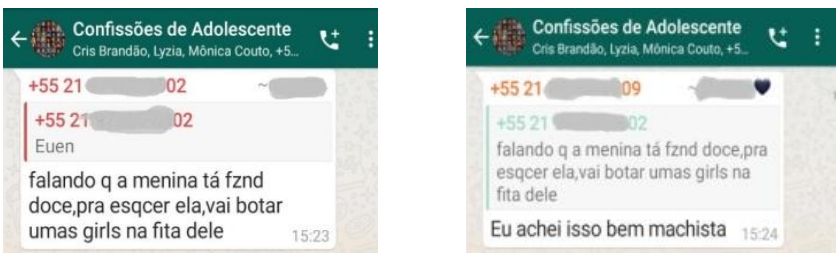
DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

controle dos impulsos femininos para um desfecho positivo na arte do amor. Mas não, os alunos não perceberam Ingrid fazendo manutenção dessa relação que oferece, à mulher, como único caminho positivo no contexto amoroso, a inibição de seus anseios, cerceando suas vontades.

Visão clássica que atravessou os estudos feministas foi a de um homem dominante versus uma mulher dominada – como se fosse uma fórmula única, fixa e permanente (LOURO, 1997, p. 37). Contemporaneamente, há estudiosos problematizando esta concepção, considerando que os gêneros se produzem nas e pelas relações de poder. Importante ressaltar que a discussão dessa temática com adolescentes procura abalar um conjunto de discursos sólidos historicamente que tendem a naturalizar as relações comportamentos masculinos e femininos, numa lógica meramente essencialista. Esta visão incorporada retrata uma concepção fortemente polarizada dos gêneros, invisibilizando, portanto, a grande pluralidade existente em cada um dos polos. Conforme Connell (1995), os homens que se afastam do padrão de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o outro e, usualmente, estão submetidos a experiências práticas de discriminação ou subordinação. Assim, parece constituir-se uma narrativa convencional que universaliza o sentido de masculinidade.

O primeiro personagem que despertou um intenso engajamento da(o)s aluna(o)s no debate foi o personagem Caco, quem, segundo ela(e)s, não parecia favorável a esse relacionamento a distância:

Figura 4: Prints sobre o Caco

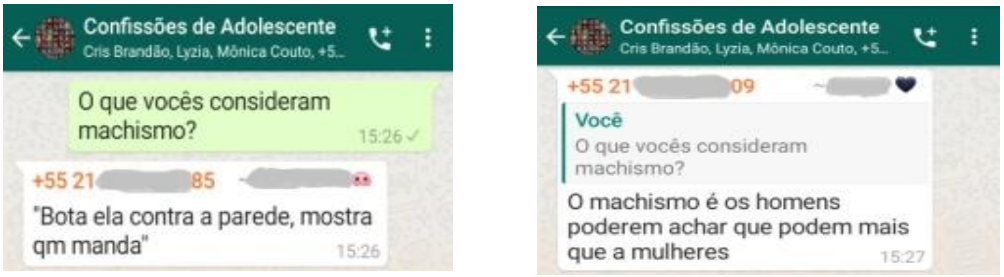


Se a primeira aluna se apropria do discurso de Caco, com o uso de gírias de seu contexto sócio-histórico, a segunda qualifica como "*machista*" o comportamento do

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

personagem, à luz das palavras da colega de classe. Assim, a fim de incitar a construção de sentidos na interação, pedimos que definissem o que entendiam por "machismo":

Figura 5: Prints da Conversa – Concepções de Machismo



No primeiro print, a aluna respondeu com uma das falas de Caco que ela considerava machista, usando aspas, inclusive, parecendo se distanciar desse discurso. Nessa fala, percebe-se de forma bastante evidente o conceito de "script de gênero", cunhado por Felipe (2018), ou seja, a forma como um homem deve se comportar perante uma mulher em sua comunidade de fala, tendo em vista uma relação de poder: "*Bota ela contra a parede, mostra quem manda*".

> O conceito de gênero enfatiza, portanto, as expectativas culturais, sociais e históricas em torno da ideia de ser homem ou ser mulher. Isso significa dizer o seguinte: ser mulher em um determinado tempo histórico ou em uma cultura específica pode ser bem diferente do que significa ser mulher hoje no século XXI, em um dado país, tendo um determinado pertencimento de classe, de idade, de cor, de religião, etc. Tais expectativas direcionam nossos modos de ser e estar no mundo, afetando nossas escolhas – profissionais e pessoais. (FELIPE, 2018, p. 240).

Já a outra fala aponta de forma bastante enfática que o machismo é uma estrutura de poder que coloca homens em posição superior às mulheres. Numa posição, portanto de dominação masculina (BOURDIEU, 2005).

Dessa forma, tendo, como norte, que "ser mulher" é algo volátil, marcado por momentos sócio-históricos e culturais, com o debate supracitado, gostaríamos não só de perceber os padrões femininos que norteavam seus contextos de vida, como também notar como eles reagiam a esses estímulos. Se uma das alunas interpreta que Natália estava *"fazendo doce"*, na opinião de Caco, a ação da personagem feminina, como um simulacro, não desperta uma reação masculina positiva vinda desse rapaz na série, quem

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

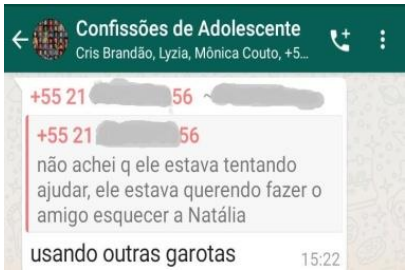
incentiva seu amigo a esquecer Natália com outras garotas que talvez oferecessem menos resistência. As alunas reagem contra esse modo de lidar com o feminino.

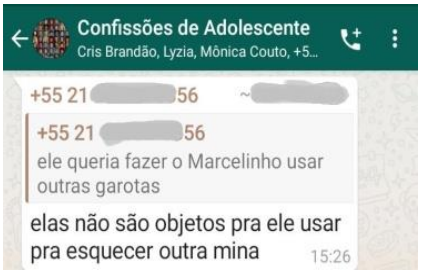
Nesse contexto, é importante perceber que o processo de 'fabricação' dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Neste sentido, é fundamental que nossos olhares estejam voltados para as práticas cotidianas que envolvem os sujeitos e que nos parecem "naturalizadas". Assim, é importante que nas nossas práticas pedagógicas cotidianas tenhamos uma atenção redobrada para desconfiar das "naturalizações". O incômodo com as posturas do personagem Caco foi marcado várias vezes. Uma aluna disse que os conselhos dele eram *"horríveis"*. Então, perguntamos o porquê, a fim de desenvolver a argumentatividade dela:

Figura 6: Print da Conversa – Oposição às atitudes de Caco

Os conselhos de Caco para Marcelinho são considerados *"horríveis"*, porque atropelam os sentimentos do amigo, o qual decide performar a masculinidade de uma maneira diferente da de Caco. E outros incômodos se originam pela maneira abjeta de notar a mulher:

Figura 7: Prints da Conversa – Incômodos sobre o tratamento dado à mulher





A primeira aluna se incomoda com o fato de Caco querer *"usar"* outras garotas para fazer Marcelinho esquecer Natália, ou seja, para ele, as meninas seriam tratadas como objetos descartáveis, a fim de servir a uma necessidade supostamente masculina:

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

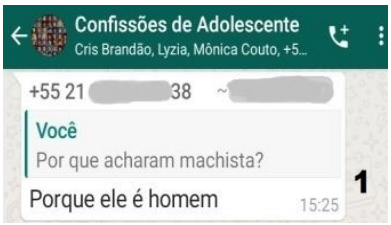
tirar Marcelinho do estado de paixão. Pode-se concluir que esse estado de paixão fragiliza o rapaz e isso parece incomodar o personagem Caco, já que tradicionalmente a fragilidade é associada ao universo feminino.

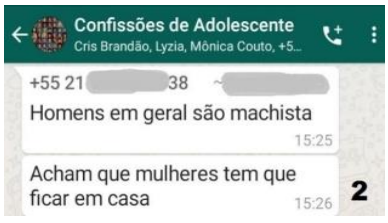
Em suma, concluímos que os alunos percebem o machismo vindo de um referencial masculino, mas não perceberam a manutenção desse machismo vindo de um referencial feminino. Não percebem, no discurso feminino de Ingrid, uma manutenção do jogo amoroso no qual cabe, ao polo feminino, anular suas vontades – como a de estar com a pessoa amada, por exemplo – para entrar no imaginário machista de que a mulher precisa ser reservada, *"difícil",* pura, inocente e delicada para ter valor positivo.

Eles questionaram a forma agressiva com a qual Caco quer que Marcelinho leve o jogo amoroso, fugindo do amor romântico e objetificando Natália, mas não questionam as regras desse jogo, que subjugam as mulheres a um papel social bem marcado para ter o privilégio da paixão.

Se, nos exemplos anteriores, há uma construção de sentido sobre machismo, a partir de então, expomos um exemplo de desconstrução que ocorre por meio da negociação de percepções de mundo. Ao perguntarmos por que eles achavam Caco machista, obtivemos as respostas do aluno a seguir:

Figura 8: Prints da Conversa – Argumentos sobre Machismo



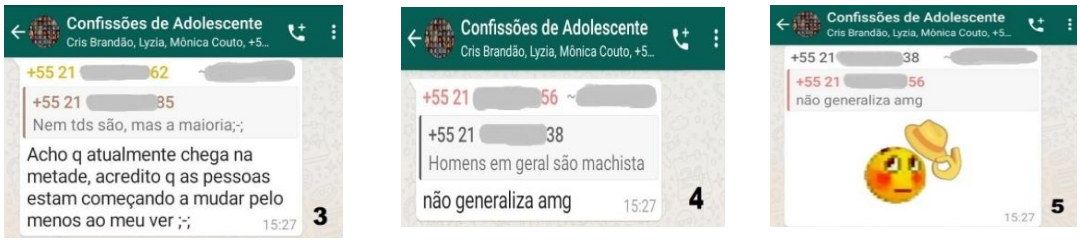


Esse aluno, em sequência lógica, com um tom acusatório, rotula, no geral e negativamente, todos os homens como machistas, naturalizando esse comportamento como algo inerente ao sexo masculino. No entanto, os colegas começaram a negociar sentidos com ele, como se percebe a seguir:

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

ReDoC Revista Docência e Cibercultura

Figura 9: Prints da Conversa – Contra-Argumentação sobre Machismo



Assim, pode-se perceber que o falante acusado de ser generalizador: 1) lança-se em busca do conhecimento: aceita o desafio da pergunta e cola-se em discurso; 2) constrói sentidos sobre o outro, ao falar do personagem Caco; 3) constrói um imaginário coletivo sobre uma questão de gênero, caracterizando os homens em geral, com um tom acusatório; 4) constrói a si, enquanto formas de ver o mundo, quando elabora, em pensamento, seu ponto de vista, instigado pelas perguntas; 5) testa seus argumentos no debate; 6) desperta atitudes responsivas ativas, pois recebe opiniões contrárias as suas: contra-argumentações, dentro de uma perspectiva dialógica; 7) vê a si por intermédio do outro, construindo-se por meio da alteridade: sofre contestações dos seus colegas; 8) por meio da aceitabilidade, percebemos a desconstrução de um ponto de vista, pois o discurso do aluno perde seu tom acusatório, o que se nota, quando ele posta uma figura enrubescida, sugerindo aceitar a contra-argumentação de colegas. Dessa forma, percebe-se um movimento de rasura e de reconstrução identitária por meio da alteridade: o aluno em questão sai em busca do "conhecer", quando aceita o desafio da pergunta realizada sobre gênero; lança-se na tentativa de conhecer o outro e, por fim, conhece a si, pelas visões dos colegas, num processo de alteridade, transformando-se, enquanto modo discursivo, naquela interação.

Vale ressaltar que mesmo em uma discussão que se inicia sobre o gênero feminino acaba levantando questões que nos leva a analisar também o gênero masculino, o que deixa evidente que essas discussões não são estanques, que se aproximam e se complementam.

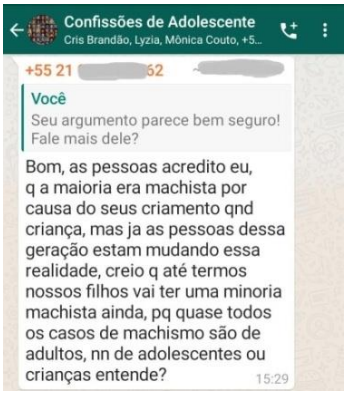
Para elucidar a mencionada desconstrução de sentidos, nas discussões sobre gênero, Butler (2019) afirma que:

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

> O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2019, p. 69)

Logo, a noção de gênero de Butler está associada às relações de poder/controle, figurando como um produto ou efeito dessas relações de poder, arquitetadas nos contextos sociais, gerando uma falsa sensação de naturalidade. Para o aluno, era natural o fato de todos os homens serem machistas, sugerindo certa revolta com algo imutável.

Figura 10: Print da Conversa – Desenvolvendo o Argumento



Além de não perceber o machismo como algo natural ou como algo intrínseco a todos os homens, generalização essa que acaba reinscrevendo preconceitos, tendo os homens como alvo, o aluno mostrou sua opinião a respeito da origem do machismo atualmente, ou seja, percebe o núcleo familiar como o principal disseminador desse modelo cultural e ainda acha que as novas gerações, uma vez conscientes disso, terão mais possibilidades para se blindar e romper com essa herança advinda dos parentes mais próximos. No entanto, percebe a lentidão das transformações sociais, afirmando que só veremos mudanças substanciais nas próximas gerações.

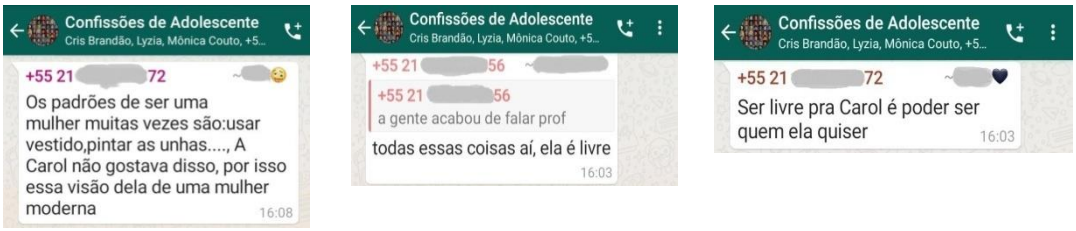
O outro referencial de feminilidade em questão é a irmã mais nova de Natália, Carol, abordada no episódio "*Uma mulher moderna*". A intenção, ao abordar esse segundo referencial, era confrontar identidades possíveis de feminino que passam por pressões sociais, em virtude de performarem de maneira não esperada pelos núcleos sociais que as cercavam. Esperávamos que os alunos não se acomodassem com a expressão de feminilidade da Natália, concebendo-a como única e tínhamos esperança

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

de que, por meio da comparação entre elas, finalmente os estudantes construíssem discursivamente Natália e não reproduzissem as falas de Marcelinho sobre ela.

Carol foi percebida como uma menina *"livre"*, que não se rende às convenções exigidas, joga futebol, veste-se de maneira confortável. Ela fica menstruada pela primeira vez e, segundo os alunos, sofre influências das irmãs, as quais tentam impor como ela deve se comportar depois desse marco biológico na vida de uma mulher.

Figura 11: Prints da Conversa – Visões de Feminilidade Livre

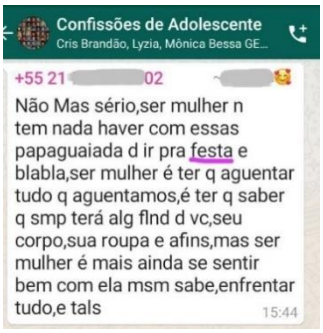


A figura 11 indica elementos contundentes de que a visão de feminilidade encontra-se em processo de afastamento da ideia universalizante imposta como padrão. Num dos episódios, Carol precisa decidir se vai à final do campeonato de futebol ou a uma festa de aniversário. O comportamento de Carol instiga o debate sobre o que é "ser mulher". Uma das falas parece negociar sentidos com o posicionamento de que a Carol precisava deixar de ser "menina" (porque jogava futebol) para ser "mulher" (assumir uma postura social mais "amadurecida").

Quando comparamos Natália e Carol, finalmente, percebemos opiniões autênticas sobre Natália, quem é construída de maneira autoral pelos alunos. Se antes ela era a *"tímida"*, *"diferente das outras garotas"*, falas de Marcelinho, perto de Carol, Natália entra em um eixo semântico de negatividade e torna-se *"insegura"* ou *"chatinha"*, quando uma aluna, confunde as personagens e estabelece adjetivos para diferenciar as duas: "*Natália é a menina chatinha ou a que joga futebol*?".

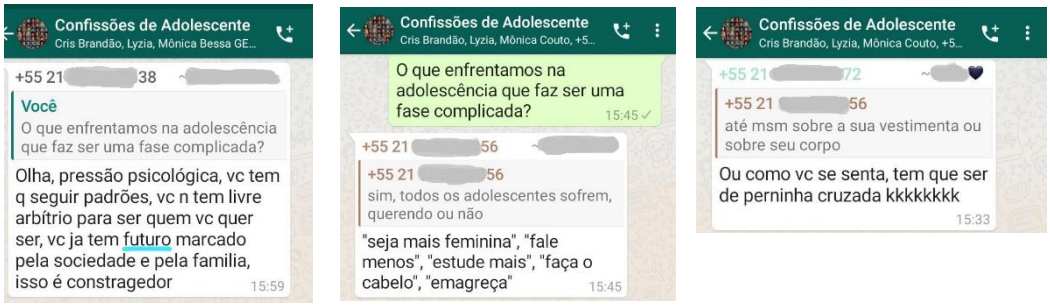
DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

Figura 12: Print da Conversa – Sentido de Feminilidade Outra



Nos debates, obtivemos, como um dos fruto dessa interação, uma elaboração crítica, sobre o que significa ser mulher, rumo a uma desconstrução do conceito universal, padrão. Consideramos isso um ganho expressivo, visto que, no início do debate, percebíamos alunos apenas reproduzindo discursos dos personagens. E, aproveitando as construções subjetivas surgidas, perguntamos se eles sofriam pressões sociais na adolescência, para que eles pudessem analisar suas vivências.

Figura 13: Prints da Conversa – Pressões Sociais



Essas falas são indícios de que os contextos sociais desses adolescentes cerceiam esses jovens, estabelecendo normativas para estabelecer o controle dos corpos femininos, como se percebe na preocupação da forma de meninas se sentarem: "perninha cruzada" como se coubesse somente à mulher o controle das volúpias.

"...o feminismo é para todo mundo...": concluindo sem finalizar

Em tempos de pandemia, com tantas mortes e tantos abalos em nossas emoções, atuar na modalidade de educação remota é mais um desafio a enfrentar... Este texto

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

surgiu desse desafio: como envolver alunos e alunas num debate que pudesse incentivar a participação nos ambientes de ensino remoto?

Sugerir uma série que focalizasse a temática de adolescentes e pudéssemos colocar em relevo as discussões de gênero foi nossa opção. Dessa forma, conseguimos, em alguma medida, resgatar a participação de aluna(o)s ausentes e conseguimos ampliar os engajamentos discursivos com opiniões mais fundamentadas. As certezas da(o)s aluna(o)s sobre o "ser mulher", ou visões de feminilidade, tiveram seus sentidos negociados com um pluralidade outra de feminilidades. Assim, as conversas puderam se estabelecer numa perspectiva de formulação de argumentos e contra-argumentos, possibilitando, assim, não só o desenvolvimento de habilidade discursiva indicadas no currículo de Língua Portuguesa, como rever as concepções sobre a natureza das masculinidades e feminilidades indicadas no currículo de Ciências.

As relações de poder no mundo social foram reconhecidas, muitas vezes, como determinantes na construção de discursos a respeito do gênero feminino; criamos um espaço de confiança, com confissões inclusive dos professores, o que horizontalizou a abordagem e incentivou aluna(o)s a falarem de si. Entendemos que o processo de assistir à série e de debatermos no *Whatsapp* foi fundamental para desalojar algumas ideias fixas sobre o feminino. Assim, consideramos que nosso objetivo maior foi atingido: incitar visões outras e críticas sobre a diversidade de modos femininos, e mesmo masculinos, de ser e existir que se distanciem de uma visão essencializada, naturalizada.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Jacques. Feminilidade adolescente. In: CARDOSO, M. R. *Adolescência: reflexões psicanalíticas.* Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem.* Tradução de Marina Yaguello. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.* Rio de Janeiro: J. Zahar Editora, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Tradução de Myrian Avila; Eliane Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. *Relatar a si: crítica da violência ética.* Tradução Rogério Bettoni. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria H. Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CONNELL, Robert William. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2, 1995.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; RUANI, Ruann Moutinho. Do face a face às dinâmicas comunicacionais em/na rede: a conversa online como procedimento metodológico da pesquisa em educação. *Revista Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 82-98, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/35womZD>. Acesso em: 16 maio 2020.

FELIPE, Jane. *Scripts* de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Org.). *Para Pensar a Docência na Educação Infantil.* Porto Alegre: Evanfrag, 2018.

FERNANDES, Adriana Hoffman; DINIZ, Lucy Anna; BARROS, Raquel Silva. In: Mídias móveis, usos e redes: reflexões e desafios para a escola. In: AMARO, Ivan; SOARES, Maria da Conceição Silva (Orgs.). *Tecnologias digitais nas escolas: outras possibilidades para o conhecimento.* Rio de Janeiro: DP et Alii Editora, 2016.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* 3.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *História da sexualidade I:* a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GALVÃO, Danielle Pini. *Confissões de adolescente - criando identificação do telespectador e discutindo temas polêmicos.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação/PUC - SP, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual.* 17. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____.; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2008.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62637

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.* Porto Alegre: Penso, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.* 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos.* 11. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

PESSOA, Fernando. *Obra poética: volume único.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre. *Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons.* Salvador: Ilhéus: EDUFBA, EDITUS, 2017.

RIO DE JANEIRO. *Currículo Carioca 2020.* Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibenoticias?id=10907097. Acesso em: 7 maio 2020.

_____. *Material Didático Carioca* – Língua Portuguesa, Matemática, Ciências. 8º Ano. 1º Semestre. Rio de Janeiro, 2019.

RECUERO, Raquel. Mapeando redes sociais na Internet através da conversação mediada pelo computador. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.).*Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas.* Salvador: EDUFBA, 2009.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí?*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC-4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.